



A LITERATURA COMO RECURSO FACILITADOR NO PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA DA CRIANÇA SURDA

**LITERATURE AS A FACILITATOR IN
THE PROCESS OF READING AND
WRITING FOR THE DEAF CHILD**

MARIA DE LOURDES DA SILVA

RESUMO

O presente trabalho pretende esclarecer ao leitor sobre as dificuldades que a criança surda apresenta em relação ao entendimento da literatura, bem como apresentar a importância da atuação do professor como mediador do conhecimento da mesma durante as atividades aplicadas na sala de aula. O objetivo geral deste trabalho é mostrar como a literatura pode auxiliar a criança surda no processo de aquisição da leitura e da escrita, dentro de uma proposta de ensino bilíngue. Os objetivos específicos foram: abordar questões voltadas à literatura surda; descrever sobre as práticas pedagógicas que o educador pode utilizar para ensiná-las; e identificar os recursos materiais adaptados que podem ser utilizados com a criança surda a fim de auxiliá-la no processo de ensino e aprendizagem da Libras e da Língua Portuguesa escrita. Como metodologia, utilizou-se a pesquisa teórico-conceitual, sendo classificada como pesquisa bibliográfica, a qual segundo Gil (2008) é aquela elaborada com base em material já publicado, com o objetivo de analisar posições diversas em

relação a determinado assunto. Os autores que serviram de base para a elaboração deste trabalho foram: Albres (2010), Karnopp (2006, 2010), Quadros e Schmiedt (2006), Strobel (2008) entre outros estudiosos que se dedicam ao processo de educação de surdos, no que tange ao ensino bilíngue dos Surdos. A coleta de dados ocorreu de forma exploratória, buscando, pesquisando e analisando diferentes materiais literários impressos, CDs e DVDs que representassem o tema em questão. Por fim, conclui-se ser essencial que os professores que atuam com crianças surdas, reflitam e compreendam que a literatura pode se tornar um recurso facilitador do processo de educação das mesmas, pois traz descobertas e aprendizagens que facilitam sua compreensão de mundo, respeitando suas necessidades linguísticas e culturais.

Palavras-chave: Literatura. Criança Surda. Libras. Língua Portuguesa escrita.

MARIA DE LOURDES DA SILVA

Mestranda em Educação na UDE (Universidad de La Empresa) – Montevideu, Uruguai; pós-graduada em Educação Especial, Deficiência Auditiva, Teorias e Práticas na Educação, Práticas de Alfabetização e Letramento; tradução-interpretação em Libras/LP e ensino de Libras; graduada em Educação Artística (Habilitação em Desenho) e Pedagogia; certificada pelo exame de proficiência Prolibras/MECVínculo. E-mail: malusilva75@uol.com.br.

¹ Neste trabalho, toma-se como referência que a palavra Surda (com S maiúsculo) será usada para designar um grupo linguístico e cultural – e não sua condição de surdez, ou seja, estudos dessa natureza preocupam-se em entender o Surdo, suas particularidades, sua língua (a língua de sinais), sua cultura e identidade, etc. e não apenas os aspectos biológicos ligados à surdez (GOLDFELD, 1997).

ABSTRACT

This paper aims to clarify the difficulties the deaf child presents in relation to understanding of literature, as well as to present the importance of the teacher's role as mediator of knowledge during classroom activities. The general objective of this work is to show how literature can help the deaf child in the process of reading and writing acquisition, within a bilingual teaching proposal. The specific objectives were: to address issues related to deaf literature; describe the pedagogical practices that the educator can use to teach them; to identify the adapted material resources that can be used with the deaf child in order to assist in the process of Libras and written Portuguese language teaching and learning. As a methodology was used the theoretical-conceptual research, classified as a bibliographical research, which, according to Gil (2008), is elaborated based on material already published, with the objective of analyzing

diverse positions in relation to a certain subject. The authors that served as basis for the elaboration of this work were Albres (2010), Karnopp (2006, 2010), Quadros and Schmiedt (2006), Strobel (2008) among other scholars who are dedicated to the process of education of the deaf, regarding their bilingual education. The collection of data occurred in an exploratory way, searching and analyzing in different literary printed materials, CDs and DVDs that represented the subject in question. Finally, it concludes that it is essential that teachers who work with deaf children reflect and understand that literature can become a facilitating resource in the process of education, because it permits discoveries and learning that facilitate the students' understanding of the world, respecting their linguistic and cultural needs.

Keywords: Literature. Deaf child. Libras. Written Portuguese language.

INTRODUÇÃO

Ao nos reportarmos ao tema literatura surda, Strobel (2008, p. 61) corrobora descrevendo que por meio dela são transmitidas lembranças vividas por povos Surdos¹ em diferentes épocas, sendo que se apresenta em variados tipos de literatura como: “poesias, história de

Surdos, piadas, literatura infantil, clássicos, fábulas, romances, lendas e outras manifestações culturais”.

Dessa forma, faz-se necessário sabermos um pouco sobre a história dos Surdos, uma vez que vem sendo transmitida por meio da literatura por estudiosos. Os pais contavam histórias aos seus filhos Surdos por meio da fala e esses por sua

vez as transmitiam por meio dos sinais. O autor destaca que, embora os Surdos contassem suas histórias nas comunidades às quais pertenciam, ainda existem poucas pesquisas sobre a literatura surda (MOURÃO, 2011).

A comunidade surda registra as histórias da Literatura Surda por meio dos contatos que mantêm entre si utilizando a Língua de Sinais. Embora não se tenha muito documentado sobre essas histórias, elas continuaram vivas apenas nas lembranças de alguns Surdos (KARNOPP, 2010).

Diante disso, Mourão (2011, p. 72) acrescenta que:

Não é fácil definir a literatura surda. Assim como não há uma única conceituação para a literatura em geral, também não há uma definição única para a literatura surda. Quando se fala nela especificamente vemos que está relacionada às representações produzidas por Surdos, em que se produzem significados partilhados em forma de discurso – sem eles, não há representação surda. Os significados são modificados dentro do círculo da cultura, e o sujeito não cria sozinho a cultura, já que sempre há o coletivo produzindo significados.

A Literatura Surda vem mostrar histórias vividas pelos Surdos expondo as dificuldades enfrentadas por eles, sua opressão pelos ouvintes e, acima de tudo, a maneira com que conseguiram superar os imprevistos. Podemos certificá-lo pelos registros, pelos atos de pessoas que lutavam pela causa dos Surdos e pelo reconhecimento das identidades surdas (STROBEL, 2008).

Este tipo de literatura mostra as memórias da comunidade surda, as quais não são importantes só para os Surdos, pois muitos ouvintes frequentam esta comunidade e procuram saber como são essas histórias através das interações que mantêm (MOURÃO, 2011).

Essas obras, segundo Karnopp (2010) mostram-nos como era a vida dos Surdos, focando o relacionamento direto e indireto entre Surdos e ouvintes, causando situações conturbadas ou afetuosas de acolhida ou conflitos entre eles.

Segundo Strobel (2008), por décadas as histórias dos Surdos foram contadas por gestos e vivenciadas por essas comunidades, onde se transmitiam valores ligados às gerações mais novas de Surdos.

A referida autora acrescenta que, quando olham para o passado, eles veem quantas conquistas conseguiram ao longo desses anos através dos descobridores da sua cultura surda. Essas lembranças existem há décadas, sendo que os Surdos utilizam diversas maneiras para estabelecer uma comunicação, como por exemplo: Língua de Sinais, desenhos, expressões faciais e expressões corporais.

Nesse sentido, Karnopp (2010) diz que, com as inovações tecnológicas, as histórias começaram a ser divulgadas em diversos lugares por meio das línguas de sinais. Foram gravadas em VHS, CD e DVD podendo ainda, ser propagadas por meio de artigos que com figuras, fotos ou traduzidos para o português.

Assim sendo, Rosa e Klein (2011, p. 91) salientam que por

Diversas vezes os Surdos tentaram buscar informações e conhecimentos através de livros, mas a leitura na língua escrita tornava-se difícil. Agora, com as traduções para o CD, DVD em línguas de sinais, o entendimento é claro. Esses materiais tornam-se mais fáceis e claros de serem entendidos devido a alguns fatores neles presentes e identificados como elementos da cultura surda: a língua de sinais o movimento as expressões faciais e corporais, o que é facilmente absorvido pelo indivíduo surdo que o assiste.

As diversas obras que existem na comunidade surda podem ser compartilhadas em sua própria comunidade, já outras são conhecidas em âmbito mundial pela sua divulgação em encontros de diversas modalidades: esportivos, internacionais, educacionais, etc.

A Universidade de Gallaudet² disponibiliza em sua biblioteca diversas obras direcionadas às pessoas interessadas em saber mais sobre a Literatura Surda. O acervo pode ser visto em vídeos transmitidos em American Sign Language (ASL).

No Brasil também há concentração de diversos poetas, escritores, atores, artistas Surdos pertencentes a comunidade surda (MOURÃO, 2011). Entre estes, podemos citar: Nelson Pimenta, primeiro ator surdo a se profissionalizar no Brasil, estudou no NTD (National Theatre of the Deaf) de Nova Iorque, pesquisador de Língua de Sinais e já tendo atuado como instrutor de teatro e de Língua de Sinais

Brasileira em diversas instituições de ensino, entre elas o INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos) e a FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos). Entre os livros impressos voltados à temática da surdez, língua de sinais e/ou Surdos, Karnopp (2008, p. 10) cita os seguintes: *Tibi e Joca* (BISOL, 2001), [...] *A cigarra e as formigas* (OLIVEIRA; BOLDO, 2003), kit *Libras é Legal* (2003), *O som do silêncio* (COTES, 2004), *Adão e Eva* (ROSA; KARNOPP, 2005), [...].

A Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, regulamentada pelo Decreto 5.626/2005, não torna a Libras uma língua oficial do Brasil, mas, sim, em seu "Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras e outros recursos de expressão a ela associados" (BRASIL, 2002, s. p.).

Desta maneira, a Libras auxilia a comunicação dos surdos com os familiares, na escola e nas repartições públicas. Além dela, os Surdos conquistaram alguns recursos tecnológicos, todos em Língua de Sinais, como por exemplo: Hand Talk, Pro Deaf entre outros, para que possam ser utilizados para adquirir entendimento sobre sua linguagem (ROSA e KLEIN, 2011).

Ressaltam ainda que a Libras é utilizada somente no Brasil e, dependendo do lugar em que se encontra, há uma diferenciação de sinais conhecida como regionalismo. Por isso, dependendo da região em que se encontra, o surdo terá dificuldade de interpretar as obras digitais produzidas no INES (Instituto Nacio-

² A Gallaudet University, localizada em Washington D.C., capital dos Estados Unidos, é a primeira (e única) universidade bilíngue do mundo estruturada para o público surdo. Já muito conhecida nas comunidades surdas de vários países, a Gallaudet conta com estudantes vindos de diferentes continentes, o que faz de seu *campus* um espaço de intenso intercâmbio cultural, político, artístico, além de – claro – acadêmico. Em 2014, a universidade completou 150 anos, firmando ainda mais a tradição e a qualidade de suas faculdades, onde licenciaram-se milhares de profissionais de diversas áreas, do Teatro à Biologia. A universidade é reconhecida por sua excelência acadêmica no campo dos Estudos Surdos, com produções científicas e investigadores prestigiados em todo o mundo. Maiores informações, no site oficial: <<http://www.gallaudet.edu>>.

nal de Educação de Surdos), pois, nelas se usa os sinais do Rio de Janeiro, onde se situa o instituto. Mesmo com essas diferenças, o surdo pode analisar o contexto das obras digitais para entender seu conteúdo (ROSA e KLEIN, 2011).

Por meio da Libras, pode-se buscar uma variedade de obras sobre literatura popular que geralmente se encontram em locais frequentados por Surdos como: associações, escolas, etc. Muitas dessas histórias são gravadas em vídeos em Libras ou na Língua Portuguesa, podendo ser usadas como provas da civilização dos Surdos (KARNOPP, 2006).

A Literatura Surda propicia aos Surdos conhecer mais sua cultura e sua língua, pois muitas pessoas não as conhecem. Essa literatura é indicada para as crianças, pois é uma maneira de esclarecê-las e fazê-las ingressar em sua cultura. O aprendizado dessa língua a ajudará construir sua identidade (ROSA e KLEIN, 2011).

Utilizamos a expressão literatura surda para histórias que têm na Línguas de Sinais a questão da identidade e da cultura surda presente nas narrativas. [...] é a produção de textos literários em sinais, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, [...] está presente na comunidade surda e é socialmente relevante o registro dessas histórias, pois pode proporcionar, principalmente às escolas, um material baseado na cultura das pessoas surdas. (KARNOPP, 2006, p.102).

Dessa maneira, Azevedo e Sardinha (2006) apud Morgado (2011) descrevem que, ao compartilhar com uma criança

a literatura, ela tem a oportunidade de reconhecer e entender o mundo que a cerca ampliando seu conhecimento, seus aprendizados linguísticos e culturais. Esse compartilhamento da literatura é essencial para que a criança surda não fique restrita ao mundo ouvinte.

Os Surdos costumam contar histórias em Línguas de Sinais, o que é um costume das comunidades surdas. Essas os remetem a valores próprios do povo ao qual pertencem, uma vez que são transmitidas de geração a geração (KARNOPP, 2010).

1. A APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS SURDAS POR MEIO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Segundo Albres (2010), as crianças surdas têm a necessidade de ter a história contada diversas vezes, para que elas assimilem a parte visualizada. A professora registra essa história por meio de vídeos e depois a criança assiste sua contação. É importante lembrar que as crianças menores se dispersam com facilidade e se a história for muito longa, elas se concentram nas figuras. Daí a necessidade de o professor usar a criatividade para conseguir a atenção delas, com um acervo diversificado de livros.

A mesma autora ressalta que um fator que deve ser trabalhado é a descrição dos personagens e dos cenários onde ocorre a história, não bastando apenas mostrar as gravuras do livro. Faz-se necessário

incluir os adjetivos para auxiliar a criança a visualizar o personagem apresentado e a contação de história precisa ser feita pelo professor na Língua de Sinais.

Ao contar história aos alunos ouvintes, o educador utiliza como recurso a entonação de voz para prender a atenção das crianças, transmitindo a emoção da história. Essa mesma situação acontece com as crianças surdas, porém, para que sua atenção seja total, o professor deve utilizar como recursos as expressões faciais, corporais e os sinais da história (HACHIMINE, 2006).

De acordo com Morgado (2011), o ideal é que o educador que contará a história à criança também seja surdo, por apresentar as seguintes características: ter uma referência de mundo visual, ter uma identidade surda e apresentar a Língua de Sinais como sua primeira língua. O importante é que as histórias sejam apresentadas nessa língua para as crianças surdas, mesmo que ainda não dominem a habilidade da leitura.

Continuando a linha de raciocínio, é de extrema importância que a criança surda tenha o máximo de contato possível com adultos Surdos, pois, eles serão os contadores de histórias para estas crianças, transmitindo-lhe um importante legado da sua comunidade.

A autora Albres (2010) nos apresenta algumas ações que o professor deve utilizar na contação de história para crianças surdas. São elas: descrever o personagem de forma detalhada; apresentar

o sinal de cada personagem e durante a história reapresentá-los com o intuito das crianças associá-los ao mesmo; conhecer a história antes de contá-la; utilizar mímica e procurar encantar as crianças, a fim de inseri-las no mundo da fantasia e da imaginação.

Sá (2002), Dias e Pedroso (2000) apud Hachimine (2006) em seus estudos identificam que a contação de histórias para as crianças surdas deve ser realizada em língua de sinais e que o narrador pode fazer uso das expressões faciais, da posição do corpo e do campo visual da criança, os constituintes desta língua.

A aprendizagem da criança surda ocorre por meio da leitura e das suas experiências visuais. Nesse processo, o livro tem um papel muito importante, pois nele a criança encontra diferentes textos e imagens para desenvolver as habilidades da leitura e da capacidade visual (ROSA, 2006).

Albres (2010) salienta que a vivência de momentos de leitura para a criança é importante, pois esse contato é prazeroso e auxilia no desenvolvimento da linguagem e no estímulo para a criança ser leitora. Recomenda ainda que, no ambiente escolar, seja preparado um espaço com diversos gêneros textuais, como por exemplo: livros, gibis e fantasias, que permitam um fácil acesso por parte dos alunos.

Ainda de acordo com a autora supra citada, o professor necessita enriquecer o texto, ao contá-lo em Libras, deixando-o mais agradável, divertido e trazendo

vida ao mesmo, utilizando sua criatividade, com o objetivo de chamar a atenção dos alunos, seu público-alvo.

De acordo com Morgado (2011, p. 162) "é considerado grave que as crianças surdas não tenham acesso natural às histórias, o que é passível de lhes causar déficits nos níveis cognitivo, linguístico e emocional, perturbando as questões da sua identidade".

Contar histórias para as crianças não deve ser apenas para distrair e ocupar o tempo das aulas. O educador precisa ter como um dos objetivos relacionar as situações que ocorrem nas histórias com as que ocorrem no mundo real, ensinando às crianças valores e enfatizando a importância cultural das diversas histórias (HACHIMINE, 2006).

Alves e Karnopp (2002) afirmam que, quando contam uma história, os Surdos alteram o conto tradicional para uma história que tenha ligação com seu contexto cultural e isso acontece pela necessidade de as pessoas compreenderem a história que estão contando.

Acrescentam que, quando transmitem um texto da cultura ouvinte para a surda, as pessoas surdas adaptam o texto, mantêm algumas partes, desconsideram outras, acrescentam algumas informações, transformando o texto de uma cultura para outra.

Concordando com as autoras acima, Hachimine, Dias e Rosa (2008) descrevem que, ao realizar o relato de uma história a criança transforma-a, repas-

sando sua própria narrativa, com a visão de mundo que possui.

Hachimine (2006) informa que esse aprendizado de contar histórias é importante para a criança, pois auxilia a construção dos pensamentos e, ao contá-las para outras pessoas, ela realiza a construção de sua própria versão da história. A utilização da Libras permite a reorganização do seu pensamento, o qual tem estreita ligação com sua visão de mundo.

De acordo com Gesueli (2000), quando a criança surda narra uma história, ela parte do seu conhecimento de mundo e de outras histórias que aprendeu.

Ao realizar a narrativa da história, é de extrema importância ela utilizar a Língua de Sinais, ter contato com um adulto surdo e com a cultura surda que a auxiliam na reconstrução da mesma.

Ao participar ativamente desse processo, a criança surda aprende a utilizar a linguagem, ampliando as formas de expressão corporal e facial, bem como o desenvolvimento linguístico acerca da sua língua (HACHIMINE, DIAS e ROSA, 2008).

Dessa maneira, ao recontarem uma história, os Surdos para manterem a atenção das pessoas, têm o hábito de verificar o tempo de cada narrativa, não passando de 15 minutos para cada uma e de ficarem atentos ao espaço, verificando que todos possam visualizá-lo, durante sua sinalização. Podemos listar alguns objetivos que podem ser alcançados com esta prática: expressão do pensamento, comunicação com outras

peças, diversão, informação, entre outros (ALVES e KARNOPP, 2002).

Assim sendo, Morgado (2011) descreve que as histórias trazem consigo uma carga cultural, que auxilia tanto na transmissão de uma herança como também de uma identidade cultural, ao longo de diversas gerações. Por este motivo a criança surda necessita ser inserida em um ambiente que lhe proporcione o máximo de contato com a cultura surda, por meio da língua viso-gestual e do contato com diversas pessoas surdas.

2. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA ENSINAR CRIANÇAS SURDAS A CONTAR HISTÓRIAS

De acordo com Kelman e Branco (2003), a contação de histórias para as crianças estimula diversos aprendizados, como por exemplo, a definição sobre o mundo que a cerca, sobre os outros e sobre si própria, além de envolvê-las e interessá-las. A utilização de narrativas em sala de aula auxilia no desenvolvimento da expressão e da produção linguística da criança.

O professor precisa atuar como um mediador do conhecimento para o aluno e esta prática concretizar-se-á nas atividades desenvolvidas na sala de aula. No dia a dia ele deve planejar atividades que envolvam os alunos em práticas discursivas, tendo como um de seus objetivos formar alunos leitores, atribuindo sentido a suas leituras, e formar alunos

escritores, desenvolvendo a habilidade de produzir diferentes gêneros textuais, e tendo como uma de suas prioridades, a utilização da Língua Portuguesa pelo aluno surdo (SÃO PAULO, 2008).

Honora (2014) destaca alguns critérios importantes que devem ser levados em conta no trabalho com alunos surdos: contato com a Língua de Sinais; inserção no ambiente da Língua Portuguesa; interesse despertado pelo assunto do texto; ter desenho ou uma gravura acerca do assunto tratado, os quais proporcionam uma boa compreensão de estímulos visuais.

Para a concretização dessas práticas, o aluno surdo deve vivenciá-las em Libras, para depois construir seu conhecimento da Língua Portuguesa. Um dos objetivos que constam nas expectativas de aprendizagem é que, no final da Educação Infantil, a criança tenha adquirido a habilidade de contar histórias conhecidas. Para cumprir esta expectativa, o professor deve organizar momentos de leitura em sala de aula, ou em outro espaço escolar e, quando tratar de um livro conhecido da criança, pode pedir-lhe que conte um trecho que saiba de memória ou que leu para os demais colegas em Libras (SÃO PAULO, 2008).

Após a vivência de uma situação de leitura, o registro escrito, foto, imagem ou colagem são importantes apoios para a criança no aprendizado da Língua Portuguesa. Uma das práticas que pode ser adotada pelo educador em sala de aula, após a realização do desenho de

uma história conhecida, é solicitar que a criança conte por meio da Libras o que registrou e escrever a narrativa em Língua Portuguesa embaixo do desenho ou anexar uma tira de papel (BRASIL, 2006).

O mesmo autor mostra outras sugestões para incentivar a criança a contar fatos ocorridos, como por exemplo, na roda de conversa, a criança contar por meio da Libras enquanto o professor escreve na lousa. O professor pode enviar como lição de casa, uma folha contendo imagens de uma história já trabalhada em sala de aula contendo alguns espaços vazios para os pais preencherem de acordo com o relato da criança.

Honora (2014) relata práticas em que, o professor realiza a leitura de um texto e o intérprete traduz em Libras, faz questionamentos sobre o texto e realiza associações entre sinais e as palavras do texto; e no momento seguinte, o aluno narra a história em Língua de Sinais e depois a reconta. É importante o educador garantir uma atividade de leitura diariamente em sua rotina, pois, os alunos aprendem a ler, lendo, daí a importância dessa atividade dever ser realizada todos os dias.

Para Albres (2010, p. 135)

O professor poderá contar a história na sala de aula (espaço do tapete), no pátio, no jardim à sombra de uma árvore ou com as crianças sentadas na escada. Quanto à disposição do grupo, as crianças deverão ficar de frente para o professor. A posição de semicírculo é ótima, de modo que elas veem o livro ou o material que está sendo usado, o professor dramatizando e sinalizando a história [...].

O educador poderá também disponibilizar um teatro de marionetes, estimulando o desenvolvimento da linguagem da criança, bem como da sua criatividade. Deve-se contar histórias utilizando livros com gravuras estimulando que a criança as recontem em casa. É destacado como uma importante estratégia para o desenvolvimento da linguagem a dramatização, em que a criança é estimulada a trabalhar e desenvolver tanto a Língua de Sinais como os gestos, tendo a oportunidade de contar histórias utilizando a sinalização ou a dramatização para os outros alunos da sala de aula (BRASIL, 2006).

Quadros e Schmiedt (2006) ressaltam a importância do planejamento da atividade de leitura pelo educador que deve trazer textos que estimulem a curiosidade do aluno, bem como, saber o porquê de ler um determinado texto. O professor também pode parar a leitura em um momento interessante, terminar em outro ou terminar no dia seguinte, estimulando a curiosidade da criança, proporcionando assim, um momento de expectativa, de modo que ela possa imaginar e revelar o que vai acontecer no final da história.

Honora (2014) ressalta que o educador deve analisar estas sugestões antes de aplicá-las a seu aluno, pois nenhuma criança é igual à outra. O professor, no dia a dia, deve planejar, estabelecer objetivos, realizar sondagens, observações e analisar o caminho do trabalho que percorrerá com seu aluno.

3. MATERIAIS PEDAGÓGICOS DE HISTÓRIAS INFANTIS PARA CRIANÇAS SURDAS

Quando se trabalha com as crianças menores é preciso oferecer diversos tipos de materiais durante a contação de histórias, pois, elas precisam visualizar o concreto para entender o que está sendo contado, por isso, o professor deve fazer uso de recursos como: gravuras, fantoches, figuras, livros, desenhos, teatro de sombras, entre outros, isso no decorrer da história (ALBRES, 2010).

Nesse sentido, Brasil (2006, p. 49) nos informa que:

Alguns recursos visuais que podem ser utilizados pelo professor são objetos concretos, filmes, fitas de vídeo, fotos, gravuras de livros e revistas, desenhos, a escrita e ainda o uso da língua de sinais, da mímica, da dramatização, de expressões faciais e corporais, de gestos naturais e espontâneos que ajudam a dar significado ao que está sendo estudado.

Quadros e Schmiedt (2006) relatam outros exemplos de materiais utilizados na Educação Infantil, um desses é o saco de novidades (Figura 1). Cada criança tem o seu, leva-o para casa durante o final de semana, coloca algum objeto ou desenho que represente uma atividade que vivenciou. Na segunda-feira, conta em Libras para os demais alunos a experiência vivenciada. O professor auxilia a criança, fazendo perguntas para ajudá-la no seu relato e o aluno realiza a atividade por escrito ou por histórias em quadrinhos.



Figura 1 – Saco de novidades
Fonte: Quadros e Schimiedt (2006)

Acrescentam também pode ser utilizado o fichário de gravuras (Figura 2) que contém figuras com a palavra escrita abaixo, usado em diversas situações de aprendizagem, citam a caixa de gravuras (Figura 3) que tem uma variedade de imagens de pessoas, objetos, bichos com o objetivo de fazer a criança desenvolver sua imaginação e auxiliá-la durante a história.



Figura 2 – Caixa de gravuras
Fonte: Quadros e Schimiedt (2006)



Figura 3 – Fichário de gravuras
Fonte: Quadros e Schimiedt (2006)

Existem histórias sequenciadas em que no começo podem ser apresentadas apenas três figuras para as crianças, em seguida acrescenta-se outras figuras. Primeiramente, deve-se apresentar a história, que deverá ser em ordem cronológica para que a criança relate os fatos. Em seguida, a sequência não precisa ser entregue na ordem, assim ela poderá ordená-la da forma que achar melhor, isso será feito através da língua de sinais (QUADROS e SCHIMIÉDT, 2006).

As mesmas autoras ressaltam que o professor poderá utilizar para o desenvolvimento da contação de história a caixa com sequências (Figura 4), que consiste em vários grupos de gravuras. O aluno escolhe uma sequência e relata a história criando diferentes finais, enquanto o educador mostra somente a primeira e a segunda imagens e solicita que o mesmo crie o final da história.

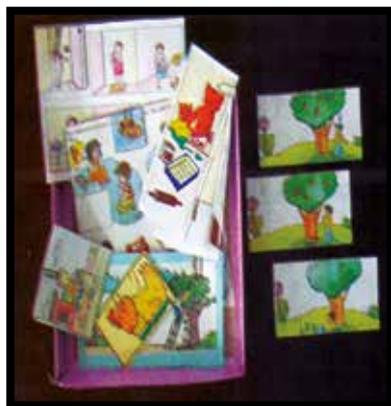


Figura 4 – Caixa de histórias com sequências
Fonte: Quadros e Schimiedt (2006)

Mourão (2011) nos apresenta outros tipos de materiais como os disponibilizados pela Editora Arara-Azul, que rea-



Figura 5 – DVD em Libras Saci Pererê
Fonte: <http://editora-arara-azul.com.br/portal/index.php/editora-arara-azul>



Figura 6 – DVD em Libras Peter Pan
Fonte: <http://editora-arara-azul.com.br/portal/index.php/editora-arara-azul>

liza a tradução e a distribuição de diversas obras clássicas literárias da Língua Portuguesa para a Libras em DVD (Figuras 5 e 6), fazendo também o ajuste de outras, como a *Cinderela Surda* e o *Patinho Surdo*.

Este CD-ROM contém sete histórias como: A cigarra e a formiga, A galinha dos ovos de ouro, A coruja e a águia, João e Maria, O gato de botas e Uma

aventura do saci-pererê. Todas são contadas em Libras, com a opção de a legenda em português ser desativada a qualquer momento.

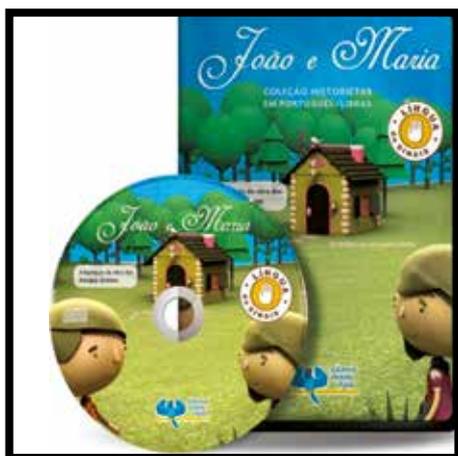
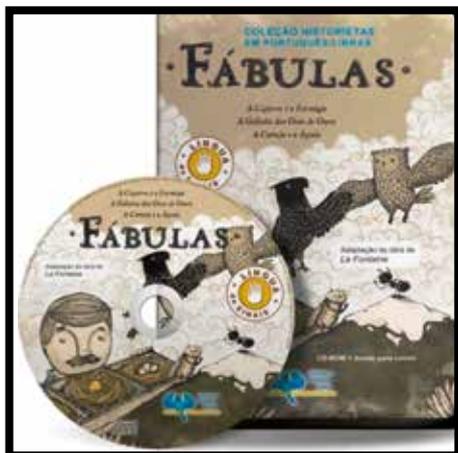


Figura 7 – Histórias adaptadas
Fonte: <http://editora-arara-azul.com.br/portal/index.php/catalogo/materiais-bilingues-portugues-LIBRAS?limitstart=0>

É destacado também o auxílio que da mídia ao mostrar imagens de pessoas surdas fazendo Língua de Sinais, estimulando o aprendizado da cultura, da identidade e das expressões faciais e corporais. O material em mídia também representa uma grande colaboração no aprendizado da Libras para as crianças, facilitando a leitura de obras e o aprendizado da escrita (ROSA, 2006).

Em sua pesquisa, a mesma autora afirma a importância da produção de materiais de literatura surda em CD ou DVD, porque, além de livros impressos, o recurso visual é entendido pelas pessoas surdas de maneira mais fácil do que os livros, podendo ser de grande auxílio.

[...] no site <http://www.editora-arara-azul.com.br> é possível encontrar a coleção “Clássicos da Literatura em CD-Rom em Libras/Português”, em que as histórias que fazem parte dessa coleção permanecem no original e os materiais encontrados nessa editora priorizam a tradução de clássicos da literatura para Libras.

[...] há também materiais produzido pelo Ministério da Educação que incluem histórias infantis em língua de sinais, por exemplo: Chapeuzinho Vermelho, “A raposa e as uvas” [...] Hino Nacional em Libras”. Tais produções contam com a participação de surdos e realizam a tradução dos clássicos da literatura e do Hino Nacional para a Língua Brasileira de Sinais, disponibilizando também a legenda em português. (KARNOPP e MACHADO, 2006, p. 294).

As comunidades surdas utilizam esses livros nas escolas de surdos, mas podem ser usados por ouvintes em escolas

comuns, com o objetivo de estudar Libras, bem como compreender e refletir mais sobre a vida e situação dos surdos (ROSA, 2006).

Segundo Karnopp (2010), Rosa (2006) nos apresenta também duas histórias adaptadas para os surdos, clássicos da literatura: a Cinderela surda e Rapunzel surda as quais são apresentadas de forma bilíngue. O texto tem escrita em português e em Língua de Sinais, chamada Sign Writing (Figura 7). As figuras da história tem ênfase nas demonstrações faciais, juntamente com os sinais, onde essas informações mostram as representações da experiência visual.



Figura 7 – Cinderela Surda, escrita Sign Writing

Fonte: Hessen e Karnopp (2007)

Morgado (2011) comenta que, no Brasil, existem diversas histórias traduzidas, citando a autora Karnopp uma das autoras responsáveis por uma coleção de clássicos famosos que foram adaptados para os surdos utilizando esses sistemas de escrita Sign Writing e de Língua Portuguesa.

Concordando com a autora acima, Rosa (2006), ressalta a importância de os livros da literatura surda incluírem a escrita de sinais, conhecida como Sign Writing, e acrescenta que só saberá interpretar essa escrita a pessoa que tiver conhecimento da escrita da língua de sinais.

De acordo com Albres (2010), o espaço da sala de aula deve conter uma diversidade de materiais para que os alunos os explorem. Porém, não encontramos uma grande quantidade de materiais destinados às crianças surdas; por este motivo, o educador pode construir seu acervo de materiais para realizar um bom trabalho com os alunos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, constatou-se que ainda há a necessidade de mais investimentos para que as produções literárias não desapareçam. Muitas publicações foram feitas nos últimos dez anos, mas ainda existe a obrigação de potencializar outros conhecimentos para que a Literatura Surda seja disponibilizada a todas as pessoas.

Por meio desta pesquisa percebeu-se que os acervos da Universidade de Gallaudet, o INES e a Arara Azul ainda estão em processo de construção, e que muitas obras ficam limitadas a um determinado tipo de público, pelo preço ou porque são dificilmente encontradas em livrarias, embora a maior parte se encontra disponível na internet. Isso compromete a construção de um acer-

vo literário para que futuramente as histórias sejam conhecidas por outras gerações de Surdos.

Ao analisar as obras literárias, percebeu-se que a maioria é produzida em Língua Portuguesa, na modalidade escrita. Isso acontece porque a construção do leitor/escritor está ligada ao processo de formação do futuro criador de obras literárias para Surdos.

Com a falta do entendimento da escrita pelos Surdos, é possível que essas histórias continuem sendo contadas sob uma perspectiva ouvintista. A comunidade Surda deve defender seu direito de relatar suas próprias formas de vida, constituindo uma memória literária que enriquece o passado e suas conquistas ao longo dos anos por meio de obras impressas ou da internet.

Com a Literatura Surda é possível obter oportunidades e incluir as possibilidades de novos conhecimentos que estão vinculados ao ambiente da Cultura Surda.

A transmissão literária, independentemente da cultura de um povo, é um processo que está em constante transformação. Isso se dá porque o homem vivencia diversas experiências em diferentes lugares, mudando assim, sua compreensão do mundo.

Assim, a comunicação literária surda brasileira já começou e agora necessita que a comunidade Surda desenvolva tal arte, para assim montar um patrimônio que lhe sirva de orgulho cultural.

Em suma, a editora Arara-Azul tornou-se um dos principais meios de divul-

gação do trabalho literário por meio de livros e produções surdas em forma de vídeo. Quando nos referimos à distribuição de materiais literários, ainda são de difícil acesso pela comunidade surda, ou por não os conhecerem ou por questões financeiras, o que pode comprometer o desenvolvimento educacional que todo cidadão brasileiro tem direito.

REFERÊNCIAS

ALBRES, N. A. *Surdos & inclusão educacional*. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2010.

ALVES, A. C. C.; KARNOPP, L. B. O surdo como contador de histórias. In: LODI, A. C. B.; HARRISON, K. M. P.; CAMPOS, S. R. L.; TESKE, O. *Letramento e minorias*. Porto Alegre: Mediação, 2002. p.71-75.

AZEVEDO, F.; SARDINHA, M. *Modelos e práticas em literacie*. Lisboa: Lidel Edições técnicas, 2006.

BRASIL. *Saberes e práticas da inclusão (educação infantil): dificuldades de comunicação e sinalização – surdez*. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

_____. *LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: 10 jul. 2018.

DIAS, T. R. S. & PEDROSO, C. C. A. Atendimento a alunos com surdez por meio de recursos da informática na Universidade de Ribeirão Preto. In: *Temas de desenvolvimento*. São Paulo: Memnon, v. 9, n. 49, p. 29-34, março-abril, 2000.

GALLAUDET UNIVERSITY. Disponível em: <<https://culturasurda.net/2012/02/28/gallaudet-university/>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

GESUELI, Z. M. A intertextualidade na elaboração narrativa em Línguas de Sinais. In: LACERDA, C. B. F; GÓES.

M. C. R. (Orgs.). *Surdez, processos educativos e subjetividade*. São Paulo: Louise, 2000, p. 95-112.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDFELD, M. *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista*. Plexus, 1997.

HACHIMINE, A. H. F. *O recontar de histórias em Libras por crianças surdas*. Ribeirão Preto: CUML, 2006, p. 131. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro Universitário Moura Lacerda de Ribeirão Preto. São Paulo: CUMLRP, 2006.

HACHIMINE, A. H. F.; DIAS, T. R. S.; ROSA, A. L. M. O recontar histórias por crianças surdas em Língua Brasileira de Sinais – Libras. Araraquara, São Paulo: Junqueira & Marin, 2008. In: ALMEIDA, M. A.; MENDES, E. B.; HAYASHI, M. C. P. I. (Orgs.). *Temas em Educação Especial: deficiências sensoriais e deficiência mental*. Brasília, DF: CAPES-PROESP, 2008, p. 155-165.

HESSEN, C.; ROSA, F.; KARNOPP, L. *Cinderela Surda*. 2. ed. Canoas: Ulbra, 2007.

HONORA, M. *Inclusão educacional de alunos com surdez: concepção e alfabetização*. Ensino fundamental, 1º ciclo. São Paulo: Cortez, 2014.

KARNOPP, L. B. Sinais e olhares: produções culturais em

comunidades de surdos. In: MENDES, E. G.; ALMEIDA, M. A. (Orgs.). *Das margens ao centro: perspectivas para políticas e práticas educacionais no contexto da educação especial inclusiva*. Araraquara, São Paulo: Junqueira & Marin, 2010, p. 291-299.

_____. *Literatura Surda*. Campinas: Educação e Temática Digital, v. 7, n. 2, jun. 2006, p. 98-108. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2009/10/pdf_c1ace51b2d_0006529.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2017.

_____. *Literatura surda*. Universidade Federal de Santa Catarina Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Florianópolis, 2008. Disponível em: <<http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecific/>

literaturaVisual/assets/369/Literatura_Surda_Texto-Base.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2018.

KARNOPP, L. B.; MACHADO, R. N. *Literatura surda: ver histórias em língua de sinais*. In: 2º SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS EM EDUCAÇÃO – Canoas/ RS: 2º Sbece, 2006.

KELMA, C. A.; BRANCO, A. U. *Era uma vez narrativa literária em línguas de sinais como fator de desenvolvimento*. Linhas críticas, Brasília, v. 9, n.16, jan/jun.2003. p.33-43. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/linhascriticas/article/viewFile/6443/5215>>. Acesso em: 23 fev. 2017.

MORGADO, M. *Literatura em Línguas Gestuais*. In: KARNOPP, L. B.; KLEIN, M.; LAZZARIN, M. L. L. (Orgs.).

Cultura surda na contemporaneidade e negociações, intercorrências e provocações. Canoas: Ulbra, 2011, p. 151-171.

MOURÃO, C. H. N. Literatura Surda: produções culturais de surdos em línguas de sinais. In: KARNOPP, L. B.; KLEIN, M.; LAZZARIN, M. L. L. (Org.). *Cultura surda na contemporaneidade e negociações, intercorrências e provocações*. Canoas: Ulbra, 2011, p.71- 89.

QUADROS, R. M.; SCHMIEDT, L. P. *Ideias para ensinar português para alunos surdos*. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

ROSA, F. S. *Literatura Surda: criação e produções de imagem e texto* ETD. Educação e Temática Digital, Campinas, v. 7, n. 2, jun. 2006, p. 58-64. Disponível em: <http://www.ssoar.info/ssoar/bitstream/handle/document/10158/ssoar-etd-2006-2-rosa-literatura_surda_criacao_e_producao_surda_em_livros_de.pdf?sequence=1>. Acesso em: 10 mar. 2017.

ROSA, F. S.; KLEIN, M. O que sinalizam os professores surdo sobre a literatura em livros digitais. In: KARNOPP, L. B.; KLEIN, M.; LAZZARIN, M. L. L. (Orgs.). *Cultura surda na contemporaneidade e negociações, intercorrências e provocações*. Canoas: Ulbra, 2011, p.91- 112.

SÁ, N. R. L. *Cultura e poder e educação de surdos*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2002.

STROBEL, K. *História da educação de surdos*. Florianópolis: UFSC, 2008.